

UFRJ espelha a situação do caos nacional

Rio — A Universidade Federal do Rio de Janeiro, a maior do País, é um espelho fiel do rigor a que a realidade acadêmica está submetida pela carência de recursos para gerir suas demandas. “Estamos limitados a uma situação vegetativa, sem possibilidades de crescimento”, registra o professor Horácio Macedo, um combativo reitor que acaba de ser reeleito pelo voto direto do universo de quase 40 mil pessoas que integram o complexo universitário entre professores, estudantes e funcionários.

De acordo com Horácio Macedo, este quadro impede a instalação de novas linhas de pesquisas, o aperfeiçoamento dos cursos e programas, “enfim, de modificarmos e aprimorarmos a nossa realidade”. Além das verbas limitadas, o reitor (que se afastou temporariamente de suas funções para participar da disputa eleitoral da qual saiu vitorioso) aponta, ainda, “a ausência de regularidade nos repasses dos recursos pelo Ministério da Educação, que chegam com atraso de até cinco meses”.

A UFRJ — que tem o seu campus instalado na Ilha do Fundão — junto à Ilha do Governador, é o maior complexo acadêmico do País mantido pelo Governo Federal. São 25 mil universitários, 3.600 professores e quase 8 mil funcionários. Para gerir esta estrutura de demanda superior à maior parte dos municípios brasileiros, o Governo destinou para o seu orçamento neste ano em exercício apenas 8 milhões de cruzados novos. “Este dinheiro se esgotou em abril”, informa Horácio Macedo. “E só agora viemos receber uma suplementação de 33 milhões de cruzados novos, o que é consumido apenas para as chamadas despesas correntes”, explica o reitor.

No exame de Horácio Macedo, esta situação só poderá ser enfrentada a partir do momento em que se instituir “uma política para a educação”. O professor Horácio Macedo foi reeleito para mais um período à frente da Universidade Federal do Rio de Janeiro numa disputada eleição, onde teve como principal concorrente, o físico nuclear Luiz Pinguelli Rosa.